

APOSTILA DE ESTUDOS

HISTÓRIA DA ARQUITETURA III

CAU-FAG

2009.1

AUTORA: PROF. ARQ. SOLANGE IRENE SMOLAREK DIAS

BIBLIOGRAFIA :

1. <http://www.geocities.com/Athens/Atlantis/9522/arte/arquitetura.htm> Sem indicação de autoria do site
2. HISTÓRIA DA ARQUITECTURA – DA ANTIGUIDADE AOS NOSSOS DIAS. Jan Gympel
3. A HISTÓRIA DA ARQUITETURA. Jonathan Glancey

ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

O fim da 1ª guerra mundial marcou grandes mudanças na maneira como a arquitetura era experimentada. Na URSS, na Itália fascista e na Alemanha nazista, regimes políticos totalitários recém constituídos usavam a arquitetura como uma forma de propaganda tridimensional, uma marreta cultural. Os governos socialistas também empregavam a arquitetura em nível nacional e local.

A medida que a sociedade européia se polarizava rigidamente em esquerda e direita, a arquitetura a acompanhava. Como boa parte do mundo estava sob o jugo europeu, esses estilos foram exportados.

Depois da 2ª guerra, os **EUA** assumiram o papel de pioneiros arquitetônicos, e o novo estilo que se seguiu deu o tom a **uma arquitetura que representa a forma de democracia baseada no capitalismo corporativo**. Todos os outros movimentos estilísticos, por mais coloridos que fossem, seriam sempre secundários diante desta cultura dominante

O Triunfo Da Arquitetura Moderna - Arquitetura Moderna = Liberdade

Com o final da Segunda Guerra Mundial tinha chegado a hora da arquitetura moderna. Muitos dos seus representantes, que na Europa tinham sido perseguidos direta ou indiretamente, encontraram refúgio na América. E **a América, poupada às devastações da guerra, tinha-se tornado definitivamente o país mais rico e moderno do mundo**. Desde há séculos eram considerados o país da esperança e da liberdade. **Na União Soviética**, quando o stalinismo ainda se encontrava em pleno florescimento, é propagada **uma arquitetura semelhante à do neoclassicismo pesado** idealizado pela Alemanha nazi. **No mundo ocidental**, a arquitetura maciça, monumental, historicista, em resumo, não moderna, passou a ser vista como ultrapassada e ligada às ideologias totalitárias. O **racionalismo** tinha-se tornado, com as suas formas e cores minimais, a sua leveza, transparência dinamismo e assimetria, no **símbolo do progresso, da liberdade e da democracia**. Mies libertou a forma pura e eliminou qualquer decoração. "Less is more" – "menos é mais" é o seu lema mais famoso. Um outro diz "tão simples quanto possível, custe o que custar!".

1- A RÚSSIA REVOLUCIONÁRIA

Sob o reinado comunista de Lênin, Stalin e seus sucessores, a unidade geográfica de que fora o Império Russo sobreviveu mais ou menos intacta até o rápido declínio e queda da União soviética a partir de 1989. A arquitetura permeava o império russo pré-revolucionário, do Báltico aos estreitos de Bering, passando pelo Mar Negro. Ela fora de um classicismo pesado, intercalados aqui e ali com arroubos românticos nacionalistas e até mesmo Art Nouveau.

A partir do **fim da década de 20, com Stalin** instalado no poder quase como um czar, a recém nomeada União das Repúblicas Socialistas Soviéticas foi **uma tirania brutal**, centralizada, **com uma nova arquitetura brutal para combinar**. A arquitetura soviética declinava para um triste estado de coisas.

Novas Estruturas

O **arq. Melnikov** foi responsável pelo desenvolvimento de uma série de clubes de operários muito característicos, destinados à educação e treinamento de políticos em Moscou. Um exemplo é o clube Rusakov. Ecos deste importante edifício podem ser encontrados no projeto de centros de conferência e mesmo de motéis por toda a União Soviética, construídos ainda na década de 70.



CLUBE RUSAKOV

Novas Formas

Igualmente importantes, ao lado de cozinhas e cantinas de fábricas, estavam novas formas de alojamento coletivo. Uma destas obras (Comissariado de Finanças – 1928-30, Moscou) foi uma influência importante de Le Corbusier, na Unidade de Habitação, de Marselha. Corbu visitou Moscou nesta época e também participou da concorrência para projetar um novo edifício para o Parlamento Soviético. **O complexo do Comissariado** foi projetado em torno de instalações comunitárias (para cozinhar, comer e lavar) e **foi um experimento de moradia coletiva** em uma época em que não havia a antevisão que a União Soviética seria endurecida por Stalin.

Em 1932 foi decretado que as práticas arquitetônicas individuais estavam abolidas; no futuro, todo trabalho arquitetônico seria organizado pela União dos Arquitetos Soviéticos. O sonho revolucionário estava oficialmente extinto.

2- A BAUHAUS

Bauhaus - Suas Realizações

O prestígio dos professores escolhidos por Gropius, atraiu rapidamente à Bauhaus um número grande de **alunos. Eram 250 já no início**, a maioria austríacos e alemães. O currículo dava igual importância ao ensino prático e ao teórico. No primeiro semestre do curso, estudavam-se as propriedades dos materiais usados na arte e no artesanato em geral e, nos três anos seguintes, estudavam-se simultaneamente técnicas e formas. Os alunos faziam estágio em um dos sete laboratórios onde trabalhavam com pedra, metal, barro, vidro, madeira, tecido. Aprendiam os métodos de representação e teoria da composição. Além disso, freqüentavam cursos de contabilidade, administração e economia, que lhes forneciam as informações necessárias ao trabalho com a indústria. Após esse período, recebiam o diploma podendo, então, durante um tempo variável, aperfeiçoar-se através dos trabalhos práticos realizados nos laboratórios da escola.

Em 1923 foi feito o primeiro balanço público das atividades da escola, com apresentação de concertos, projeções cinematográficas, balés, conferências. Foi publicado um álbum com reproduções das obras de alguns mestres e discípulos da Bauhaus. O ponto culminante do balanço foi uma demonstração prática: uma casa projetada e construída nos estúdios do instituto, a "Haus am Horn", totalmente mobiliada.

Com a melhoria da situação econômica da Alemanha, as empresas passaram a encomendar projetos à Bauhaus, enquanto a fama da escola se propagava no país e no exterior. Sua situação em Weimar, no entanto, tornava-se difícil. Os membros da Bauhaus eram atacados pelos

tradicionalistas, que os acusavam de desprezar a herança histórica nacional. **As autoridades de Weimar não conseguiram neutralizar as pressões e a escola foi obrigada a transferir-se para a municipalidade de Dessau, onde Gropius construiu suas novas instalações, em 1925.** Nessa época, as ligações com a indústria intensificaram-se e vários de seus artistas passaram a dedicar-se ao desenho industrial enquanto muitos discípulos ocupavam postos importantes em grandes empresas.

Em 1928, quando a Bauhaus já estava solidamente estabelecida, Gropius passou a direção do estabelecimento a Hannes Meyer justificando sua saída como uma necessidade de exercer mais livremente sua capacidade, numa esfera onde ela não tivesse que estar sujeita a deveres e considerações oficiais. **Neste segundo período de sua história, acentuou-se o papel social da Bauhaus. A escola incentivou a cooperação com a indústria e os alunos desenvolviam exercícios práticos como base para os avanços teóricos.** Junto com a democratização do ensino, promoveu-se a criação de modelos considerados adequados às necessidades populares, principalmente no campo do mobiliário e dos objetos de uso doméstico. Entretanto, sob pressão dos grupos que reagiam contra as inovações de Bauhaus, Meyer foi obrigado a demitir-se. **Mies van der Rohe substituiu-o em 1930, dando início ao terceiro período da história da Bauhaus, caracterizado pelo restabelecimento do sistema didático tradicional.**



BAUHAUS

Fim da Bauhaus

Em 1933 o nazismo tomou o poder na Alemanha e, quando Hitler assumiu plenos poderes, a **Bauhaus, símbolo da vanguarda alemã, foi fechada** e seus edifícios tornaram-se centro de formação para os chefes do partido nazista. Na verdade, para aqueles que participaram dos trabalhos da Bauhaus, era impossível aceitar a ideologia e a prática nazista. Por outro lado, seu trabalho crítico e racional não poderia ser tolerado pelos novos governantes que, na arquitetura, objetivavam a grandeza, menosprezando qualquer concepção racional. A obra de arte deveria retratar a superioridade da raça e transmitir ao povo a sensação de segurança e tranqüilidade. Rejeitavam, portanto, qualquer arte que não fosse figurativa e estimulavam a fusão de temas clássicos da Grécia e de Roma a temas nórdicos. **Grande parte dos componentes da Bauhaus se exilaram nos Estados Unidos onde, em 1937, Moholy-Nagy fundou a Bauhaus de Chicago.**

Em seus catorze anos de atividade a Bauhaus criou o que ainda hoje permanece como o mais moderno em temas de estética industrial. As empresas alemãs usaram os protótipos por ela elaborados e espalharam-nos por toda parte dando continuidade a **idéia de que a qualificação estética das construções e dos produtos industriais devem estar submetidos aos critérios de funcionalidade e durabilidade.** As imposições do consumo fizeram, entretanto, com que se

acrescentassem aos padrões da Bauhaus um ou outro detalhe, ou que se otimizassem materiais de melhor ou pior qualidade. Mas, seja no mobiliário, nas construções ou nos utensílios domésticos, pode-se sempre reconhecer a marca da Bauhaus.

A permanência desses padrões é explicada sobretudo pelo fato de que o movimento que surgiu com a escola não significou um estilo a mais. Levando em conta as necessidades de produção em massa - típica das sociedades industriais - e conhecendo a arquitetura como "um dos serviços prestados à vida do homem de uma determinada época", **a Bauhaus conseguiu adequar a arte há seu tempo.** Para isso, aproveitou-se das vantagens da produção em larga escala permitida pela indústria.



FÁBRICA FAGUS

3- A HABITAÇÃO DE MASSA NA EUROPA

Boa parte da **habitação de massa antes da Segunda Guerra Mundial** tendia a ser conservadora na forma e na função. **Os primeiros experimentos realmente revolucionários, para melhor ou pior, foram feitos na União Soviética**, mas houve projetos arquitetonicamente mais importantes na Holanda e em Viena depois da 1ª Guerra Mundial.

A destruição em massa gigantesca da 2ª Guerra Mundial, em escala continental, levou a uma **necessidade de novas casas** que pudessem ser **construídas com rapidez e eficiência**. O desafio para os governos socialistas locais e para os arquitetos radicais no pós-guerra era criar habitação de massa que oferecesse o sol, o ar, os jardins e o modo de vida sadio até então acessíveis apenas para a burguesia, não para os trabalhadores da Europa Continental. O que deveria ser feito?

A Viena Vermelha

Entre **1919 e 1933 na Viena socialista** ou "vermelha" foram construídas nada menos que **66.000 moradias**. O mais impressionante deles foi o combinado **Karl Marx Hof e o Svoboda Hof, de Karl Ehn**; era uma parede de moradias de 1 km, entremeados com jardins bem cuidados e áreas de convivência. **A arquitetura não era radical, mas o espírito e o programa desse esquema habitacional gigantesco eram**. Ehn e a cidade de Viena estavam dizendo, mereciam um lar decente, mesmo que pequeno. Esse programa de moradias foi extinto em 33-34, quando os fascistas tomaram o poder na Áustria



KARL MARX HOF E O SVOBODA HOF

O Planejamento Holandês

Programas habitacionais similares, mas menos abertamente políticos, foram iniciados em Amsterdã e Roterdã. **Entre 24 e 27 o jovem arquiteto J.J. P. Oud projeta Scheepvaartstraat, Hook Holland**, caracterizada por **linhas puríssimas, livres de toda decoração**, que sugeriam um modo de vida saudável e eficiente, um conjunto popular em escala humana.



SCHEEPVAARTSTRAAT

4- A ARQUITETURA FASCISTA

No **início de 37 Speer**, aos 32 anos, tinha a tarefa de **replanejar Berlin** ou, o que dava no mesmo, de criar Alemanha, o nome reservado à capital depois da projetada vitória alemã na Europa. O plano era grosseiramente ambicioso, e diz muito sobre o espírito da arquitetura nazista: projetada, na maioria das vezes, em escala gigantesca, numa maneira neoclássica pesada, despojada, frouxamente baseada no grande arquiteto prussiano Schinkel, **tinha como objetivo não simplesmente impressionar, mas esmagar o espírito humano individual**. O projeto mais impressionante, especialmente do ponto de vista da velocidade de construção, foi a nova **Chancelaria do Reich, em Berlin (38-39)**. Era um palácio cívico, ocupando uma quadra. O mais infantilmente e impressionante

elemento era o longo salão dos espelhos, maior que o de Luiz XIV em Versalhes, que levava ao estúdio de Hitler, construído no estilo e senhor do universo.



CHANCELARIA DO REICH

Na **Itália de Mussolini a arquitetura foi eclética**. Apesar de sua predileção por ministérios de justiça neoclássicos, o regime visionou o projeto e a construção de muitas edificações brilhantes. Os melhores são a **Estação Ferroviária de Sta Maria Novella, em Florença**, e a **Casa del Fascio, sede do partido fascista em Como**.



ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE STA MARIA NOVELLA, EM FLORENÇA

5- O MODERNISMO DE MEADOS DO SÉCULO

A Possibilidade De Começar De Novo

Professora arquiteta Solange Irene Smolarek Dias - doutoranda

Se bem que no **Ocidente** a nova **arquitetura dos anos vinte tivesse uma fundamentação ideológica, tinha também uma preocupação financeira**. Já não era possível ignorar as pressões econômicas, principalmente na construção de habitações. A **Le Corbusier**, que tinha permanecido na França ocupada pelos alemães, **foi dada a possibilidade de concretizar, em Marselha, o seu sonho de “uma unidade de habitação”**. Por detrás da idéia de uma “maquina para viver” existia a crença de que o mundo criado artificialmente pelo homem e planeado ate o ínfimo detalhe teria de ser obrigatoriamente melhor do que aquele que se desenvolvia natural e aleatoriamente. **Arquitetos como Kenzo Tange levaram o estilo de Le Corbusier ate o Japão**. Para além da implementação de novas urbanizações, que na maioria dos casos tinham apenas a dimensão de pequenas cidades.

Só os “países em vias de desenvolvimento”, com esperança no futuro, se mostraram verdadeiramente interessados nas grandiosas idéias urbanísticas. Deste modo, **em 1950, foi fundada a cidade de Chandigarh, segundo o plano de Lê Corbusier, projetada para 500 000 habitantes**, como capital do Punjab, estado federado indiano. **O Brasil**, que na altura era um “país limiar” perto de alcançar a força econômica e a prosperidade de um estado industrializado, também **criou a sua nova capital em 1957: Brasília**. Este local era um pouco inóspito mas **tinha sido selecionado segundo critérios rigorosamente racionais: era o centro geográfico do Estado**. O arquiteto Oscar Niemeyer, em grande medida responsável pelo planeamento de Brasília e dos seus edifícios governamentais, serviu também, apesar de todo o racionalismo, a inerente necessidade de simbolismo.

Um Sonho Americano

A **Segunda Guerra** mostrou os **Estados Unidos em sua melhor forma. Livre da invasão e intocado por bombas da Alemanha ou Japão, os EUA viveram um boom econômico durante a década de 40**. Foi o estabelecimento de uma nova forma de arquitetura : o **estilo internacional**, vistoso e confiante, que se tornou conhecido como modernismo de meados do século. Os edifícios americanos de Mies e seus seguidores, **é a arquitetura de uma cultura masculina, que se via, na época, não sem razão, como senhora do universo**.

Poesia em Palm Springs

Essa, porem, não era a história completa. Havia outra tradição moderna européia, anterior, que se desenvolvera independentemente na **Califórnia**. Ali, **entre 20 e 30**, jovens arquitetos foram influenciados por Neutra e Schindler, que projetaram muitas **casas serenas de planta aberta e um pavimento, nas cercanias de Los Angeles e Palm Springs**. Essas casas ligavam o mundo do zen-budismo japonês aos grandes outdoors americanos por intermédio da arquitetura de planta livre de F L Wright. Em resumo, **são um casamento quase perfeito de forma e função**

No pós-guerra, o estilo Neutra-Schindler foi desenvolvido, novamente em Los Angeles e Palm Springs por uma geração mais jovem de arquitetos. Em outra parte de **Los Angeles, Pacific Palisades, o casal Charles e Ray Eames projetou, em 49, a própria casa, em aço e outros componentes industriais**. Sua genialidade foi provar que as técnicas de produção em massa tinham uma beleza doméstica, se o projetista enxergasse poeticamente



LOS ANGELES, PACIFIC PALISADES

O Modernismo Tardio

A **apoteose espiritual do modernismo é a Capela da Academia da Força Aérea, em Colorado Springs**. Uma dobradura, quase um origami, de asas de avião estilizadas e unidas em oração.

6- MODERNISMO E LIBERDADE

O **modernismo** implicava **duas liberdades : da má saúde e a liberdade política**. Assim, foi desvinculado de regimes autocráticos que, durante séculos, haviam se apoiado em edifícios pesados. Pretendia-se que a primeira liberdade, o bem estar fosse expressa no exterior dos edifícios, que pretendiam ser brancos, claros, quentes e abertos ao mundo natural: um corpo sadio em uma casa sadia. A apoteose pré-guerra desta abordagem é dada por **Alvar Alto** no belo sanatório **Paimio, na Finlândia (29-33)**. **Paimio era caloroso, humano e sutil**. Esta foi a grande contribuição de A Alto para a Escandinávia: dar ao modernismo uma face humana. Enquanto boa parte da arquitetura moderna opunha-se à natureza. **A Alto integrava a sua ao ambiente natural**.

Após a carnificina da 1ª guerra mundial, o modernismo oferecia luz, conveniência e libertação: era, no exemplo liberal de Paimio, um sanatório, um lugar de cura em todos os sentidos.

A Nova Arquitetura Alemã

Depois da Segunda Guerra, os arquitetos ofereceram novas formas de fuga e libertação. Na **Alemanha, houve uma reação à arquitetura grandiosa do Terceiro Reich**. Os arquitetos procuravam **construir de maneira isenta de associações políticas**. Dois exemplos são a biblioteca estatal e a filarmônica, ambos em Berlim



BIBLIOTECA ESTATAL

A **arquitetura** é, de muitas maneiras, **prescritiva e determinista** : **ela nos diz como morar**, não importa quão idealista e ideologicamente livre um arquiteto possa ser. Alguns arquitetos tentaram fazer edifícios participativos, onde clientes e usuários participem e contribuam realmente para o projeto e processo de construção. Um exemplo é a **residência de estudantes da Universidade Católica de Louvain, Bélgica (69-75)**. Foi um projeto improvisado e representa o espírito e libertação dos anos 60 em concreto e madeira, **um grito de liberdade que ecoava pelas universidades do mundo, em meio a uma nuvem de maconha.**



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE LOUVAIN, BÉLGICA

Infelizmente, revoluções e supostas liberações raramente produziram arquitetura radicalmente nova no pós-guerra, nem mesmo em países como Cuba.

Sustentados na maioria dos casos por **fundos de Moscou ou Pequim**, os **governos revolucionários** africanos, asiáticos e latino-americanos **tenderam a construir blocos de apartamentos de concreto à maneira russa**, e outras monstruosidades claramente insensíveis ao ambiente e à cultura local. Tais edifícios **estavam longe de ser libertadores, impondo, na verdade, uma tirania própria**

7- NOVAS CIDADES

Nas décadas de **50-60 tentou-se, no mundo todo, criar cidades ideais**. O ideal muitas vezes tornou-se esquivo. A razão é bastante óbvia: no todo, a maioria das cidades cresceu organicamente. São adições de muitas diferentes maneiras e camadas de planejamento e edifícios criados, rejeitados e sobrepostos ao longo de muitos séculos. **Planejar uma grande cidade a partir do zero é esperar**

que o confuso drama da vida humana conforme-se a um padrão preciso que, mesmo que fizesse sentido na época em que foi feito ficaria, muito provavelmente antiquado em alguns anos ou, no máximo, em décadas.

As novas cidades, além de serem a alternativa para a vida anterior, onde os cidadãos queriam fugir de um modo de vida que se tornara nojento e bruto, eram **também criadas por motivos políticos** e, geralmente, para **fundar uma nova capital**, como ocorreu com **Chandigarh, Brasília e Camberra**.

Chandigarh

As maneiras como as pessoas adotam ou adaptam uma nova cidade são representadas no exemplo de Chandigarh, a nova capital do estado do Punjab. A capital tradicional, Lahore, fora cedida à nova república muçulmana do Paquistão em 48, deixando milhares de refugiados hindus com necessidade de um novo centro. **Chandigarh foi projetada por Corbusier em 51, que adotou os seus conceitos de sol, luz e verde, além do concreto-bruto e da tradição mongol.** O resultado é uma seqüência de monumentos imponentes, abstratos, que evocam os desenhos de Picasso e as esculturas de Braque, contra o pano de fundo do Himalaia



CHANDIGARDH

No entanto, **por trás das fachadas racionais** de dois pavimentos de Corbu, os edifícios foram ocupados, 50 anos após a inauguração de Chandigarh, por **construções de três ou quatro pavimentos, espremidos**. A densidade de Chandigarh é maior que a planejada, e ressoa como um burburinho teatral de outras cidades indianas. Sua riqueza, hoje, é sua vida e a sua vibração, e não a eficiência e organização ostensivas.

Camberra

A nova capital australiana foi projetada por Walter B Griffin em **1912**, mas a maioria dos edifícios importantes **não foram concluídos antes de 1980**. São edifícios de concreto duros, voluntariamente esculpidos e que poderiam estar em muitos outros lugares do mundo, isto é, anódinos. A sede do Parlamento oculta e vela, parcialmente, as duas câmaras dentro de uma colina. Os habitantes dizem que as paredes, voluntariamente curvas lembram um par de bumerangues colocados costas com costas. O que é certo é que a **inteligência e referências fazem pouco ou nada para tornar mais humanos e agradáveis tanto o edifício quanto a própria Camberra. Criar vida numa cidade não é, afinal de contas, tarefa da arquitetura: cabe às próprias pessoas.**



CAMBERRA

8- O BRUTALISMO

O novo brutalismo foi um nome dado, de maneira aprovadora, pelo crítico britânico Peter R Banghan, a uma **escola de arquitetura tão dura ao olhar quanto ao toque**. Foi um momento propositadamente feio na história da arquitetura. Infelizmente **esta estética rude e dura, baseada nos trabalhos posteriores de Le Corbusier, foi expressa pela primeira vez em projetos sociais de habitação**.



TRELICK TOWER, LONDRES

Após a **segunda guerra a Grã Bretanha precisava, urgentemente de moradia**. O governo estabelece a meta de **300.000 moradias por ano**, tarefa só possível com a pré-fabricação. Assim aconteceram conjuntos residências em Londres. Ligadas por "ruas no ar" que, tristemente tornam-se becos de ladrões, essas mega estruturas musculosas na maioria das vezes nunca foi amada pelos que moravam nelas, apesar de admiradas pelos conservacionistas, a quem agradava a **hostilidade brutal de seus métodos de construção lógicos e expostos**.

Monumentos Brutalistas



DEFESAS COSTEIRAS, CALAIS, 1942

Alem da influência de Corbu, os **arquitetos brutalistas** foram **motivados pelas notáveis fortificações alemãs da guerra** (15.000 ao todo). É difícil não fazer comparações entre a arquitetura do pós-guerra inglesa e as edificações de Hitler. A ironia é que os edifícios de Hitler, projetados para durar 1000 anos tenham durado, na maioria das vezes entre 5 e 12 anos e, os edifícios brutalistas da Normandia e da Bretanha, provavelmente durarão 1000 anos.....



TEATRO NACIONAL, LONDRES

DE TODOS OS MODOS

Houve um ponto em que a arquitetura moderna havia amadurecido e se refinado tanto que muitos observadores acreditavam que havia escapado à busca imemorial do estilo. **A arquitetura moderna, dizia-se em 50, era uma solução funcional e moral para o problema de como construir**. A verdade era um tanto diferente. **A arquitetura, como o planeta em que se ergue, está sempre mudando**. Justamente quando os comentaristas diziam que a busca estava encerrada, **a arquitetura explodiu em um caleidoscópio de novas formas e estilos**: pós-moderno, high tech, orgânico, revivescência clássica, desconstrutivismo. E, entre eles, muitas outras abordagens. Algumas delas foram fases passageiras e algumas foram pouco mais que caprichos. Outras demonstraram como as

tecnologias e liberdades econômicas e políticas disponíveis no fim do séc XX e início do XXI podem impelir a arquitetura para rumos inesperados e desejáveis. O futuro reserva surpresas

1- O COORPORATIVISMO

Mies quer dizer dinheiro, era a palavra de ordem entre empresários e executivos de N York e Chicago, na década de 50. Queria dizer que o arquiteto mostrava uma arquitetura que mostrava a ambição e os métodos dos grandes negócios. **O que para Mies era um ideal, um sonho platônico, foi transformado por seus discípulos americanos**, percebendo que o idealismo filosófico e mesmo espiritual do mestre poderia **transforma-se num negócio arquitetônico multinacional, gerido por padrões vigorosamente comerciais.**



SOM

O Protótipo - SOM

O **SOM** (Skidmore, Owings & Merrill) Office, fundado em 36 em Chicago, completou mais **de 10.000 projetos** de arquitetura, design e planejamento, **em mais de 50 países**. Os arquitetos, elegantemente vestidos como homens de negócio trabalhavam em cinco escritórios nos EUA e filiais em Londres e Hong Kong. **Mudam a idéia do arquiteto como um intelectual boêmio ou como artista**. Os alunos de Mies do Illinois Institute, instintivamente, combinam as fórmulas da arquitetura do mestre com as técnicas da produção em massa.

Eficiência Vistosa

Paralela à produção do SOM e dos alunos do Illinois Institute, **Albert Kahn construía centenas de fábricas e linhas de montagem feitas com estruturas de aço e concreto nos EUA e URSS**. Mies e Corbu o interpretavam como modelo da nova arquitetura. Estas duas tendências foram unidas no **Lever House, projetado pelo SOM** em N. York (51-52). O que o Lever deu ao mundo dos negócios foi uma imagem de modernidade, limpeza e vistosa eficiência; ali estava **um edifício flexível e adequado, prometendo dinheiro rápido e fácil em um mundo aberto e democrático**. Suas fachadas inspiraram cópias quase idênticas de N. York a Nairóbi, de São Francisco a Singapura. Era diferente, porém do edifício Seagram de Mies, que foi construído luxuosamente e configurava uma refinada individualidade. **A Lever House foi um Ford de primeira linha em comparação com o Rolls-Royce ou Mercedes-Benz do edifício Seagram**

Processo e Produto

O espírito de negócio do SOM contaminou muitas práticas arquitetônicas por todo mundo. Eles trouxeram ao mundo dos construtores e incorporadores um estilo global. **O SOM foi o modelo para o que se tornou conhecido como "arquitetura comercial"**. **O SOM e o KPF** (Kohn, Pedersen, Fox) são como a **Coca Cola e o Mac Donald's** da arquitetura. Esta arquitetura corporativa está, porém, muito distante dos sonhos de torres de vidro de Mies em 1920



LEVER

O Fim Da Crença No Progresso

O estilo austero e extremamente rarefeito de Mies van der Rohe, era o gosto dominante em termos de arquitetura, nos anos 60. Ateliers especializaram-se neste estilo, e o que obteve maior sucesso foi o Skidmore, Owings e Merrill (SOM). Nos anos setenta o **SOM projetou a maior edifício de escritórios do mundo, a Sears Tower, em Chicago.**

A possibilidade de **construir com rapidez e economia** era freqüentemente usada apenas para **realizar, caixas sem ornamentos e de exterior superficialmente moderno.** A estas condições encontrava-se sujeita, sobretudo, a **construção de habitações financiadas por dinheiros públicos,** submetida a fortes restrições financeiras. Quando as casas passaram a ser realmente montadas com componentes pré-fabricados, por maquinas, verificou-se que isso conduzia não só a uma monotonia sem limites mas também a uma **produção e modelação de qualidade extremamente baixa.**

A **“desagregação”** da cidade, segundo a qual se habitava numa zona e se trabalhava noutra, sendo uma terceira zona reservada para as compras e tempos de lazer, **conduziu à desarticulação do que tinha sido até então considerado uma “cidade”.** Deu-se a desertificação temporária de quarteirões inteiros, juntando-se a esta situação uma arquitetura considerada monótona, numa imitação esquemática, interminável e sem qualquer rasgo de inspiração. Começou-se a falar na **“inospitalidade das cidades”** e a reagir contra os planos de demolição de edifícios antigos e de construção de estradas.

Em **1972, o Clube de Roma** publicou um estudo sobre os **“limites do crescimento”**, que suscitou grande sensação, coisa que anteriormente ninguém teria considerado como possível. Um ano depois, a crise do petróleo veio retirar a base econômica ao consumismo desenfreado, já antes criticado por uma parte da juventude. **Ao fim de duzentos anos, a euforia provocada pela crença baseada nas idéias do iluminismo, nas vantagens do progresso técnico e na ação dos homens tinha chegado ao fim.** A cidade do século XIX foi reavaliada. Quando no verão de **1972** a urbanização construída duas décadas antes, segundo o ambicioso projeto de Minosu Yamasaki, em **St. Louis,** foi **implodida** por suas casas serem consideradas como impossíveis de alugar ou de sanear, **o caso foi considerado por muitos como um sinal do fim da arquitetura moderna.**

2- O PÓS-MODERNISMO

Arquitetura Escultórica

Em meados dos anos 60, um número crescente de arquitetos estava questionando a "arquitetura comercial", que começava a sufocar os centros urbanos. Esta arquitetura era vista como uma caricatura do admirável mundo novo prometido por Corbu e a Bauhaus.

Na verdade, face a estas experiências e aos ensinamentos retirados da fundação de cidades como Brasília ou Chandigarh, **fortes dúvidas deverão ter surgido sobre se uma arquitetura rigorosamente racionalista se torna obrigatoriamente expressão de liberdade e de democracia.** As formas "orgânicas" que, arredondadas, vibrantes e assimétricas, simbolizariam um desenvolvimento livre permaneceriam, assim, igualmente vivas na arquitetura do pós-guerra. Esta tendência, também conhecida sob a designação de "**arquitetura orgânica**", baseava-se na teoria das proporções de Platão, que também já tinha determinado a arquitetura do Renascimento.

Os edifícios deixaram de ser tratados como peças autônomas, procurando-se uma harmonização entre a paisagem e a arquitetura. O desejo de dar expressão às formas aconteceu na arquitetura, no aeroporto J.F. Kennedy e na Opera House de Sydney. **Neste contexto, também teve importância a tentativa de tratar a arquitetura como escultura.** Para a realização da exigência de entender um edifício como escultura, Frank Lloyd Wright forneceu outro excelente exemplo com a revolucionária rampa espiralada que forma a superfície de exposição no Museu Guggenheim. A construção massificada de habitações na maioria das vezes efetuada com meios financeiros extremamente reduzidos, tinha deixado de estar no centro da atividade conceptual dos arquitetos, ao contrário do que acontecera na época do modernismo clássico, entre as duas guerras. Eram sobretudo os edifícios de empresas e, principalmente, as obras de caráter cultural, como museus ou salas de concertos, que provocavam sensação e que, além disso, prometiam honorários lucrativos.

A Missão de Venturi

Em **66 Robert Venturi** publica manifesto onde diz que ao invés de "less is more", "**LES IS BORE (menos é uma chatice)**". Dizia que a **arquitetura moderna tornara-se insensível às vidas e aos valores daqueles a quem supostamente servia.** O livro de Venturi tornou-se referência. Marcou o início de uma nova época na arquitetura - **o pós-modernismo.** Na teoria dizia que os arquitetos tinham perdido a capacidade de criar, como os arquitetos barrocos. A sua obra "learning from Las Vegas" (aprendendo com Las Vegas), escrita entre 1972 e 1978, na qual celebrava as vantagens de uma arquitetura trivial e próxima do público, teve um efeito ainda maior. **Defendia o "barracão decorado",** o edifício convencional (em vez do critério moderno que favorece a construção segundo técnicas progressistas) ao qual se acrescentam formas decorativas ou mesmo fachadas completas que nada têm que ver com as funções, com a construção ou até com o respectivo espaço interior – procedimento que, afinal, também tinha sido usado na construção das catedrais góticas ou dos palácios do proto-renascimento. **Este estilo alastrou-se por todo o mundo. No que tinha de pior, criou uma enxurrada de edifícios parecidos com confeitos nas décadas de 70-80, pastiches de edifícios históricos e hollywoodianos.**

Os arquitetos **pós-modernos pouco mais apresentam do que um antiprograma pouco original contra o Movimento Moderno.** Isto culminou na reconstrução de edifícios históricos inteiros há muito desaparecidos e numa arquitetura que **copiava diretamente o historicismo do século XIX.** Uma vez que o gosto dominante servia de novo de orientação, o nível da modelação desceu de modo correspondente: o observador superficial ou sem cultura também não consegue "entender" os "barracões decorados". O desejo de suscitar a aprovação do observador superficial levou a que os arquitetos pós-modernos caíssem cada vez mais numa modelação pretensiosa, de fácil agrado e com grandes efeitos. **Negando a utilidade e colocando a vaidade própria acima da adequação das funções, as construções pós-modernas tornaram-se frequentemente bonitas à vista mas de má utilização.** A aproximação existente entre a arquitetura pós-moderna e a de ostentação stalinista

torna-se patente. Apesar da arquitetura pós-moderna procurar refúgio no familiar, no antigo e no romântico, utilizou também elementos formais modernos, como por exemplo as coberturas lisas ou em shed ou a parede envidraçada ondulada. No geral, a heterogeneidade das cores, das formas e dos materiais utilizados é típica do pós-modernismo. **A substância intelectual deste estilo demonstrou ser tão indigente que só lhe foi possível suscitar sensação por um curto espaço de tempo, até ao final dos anos oitenta.** Não tinha passado ainda uma década e já muito do que tinha sido construído parecia apenas enfadonho e risível.



PUBLIC SERVICE

O perigo do pós-moderno era cair facilmente no domínio dos trocadilhos. E caiu. Valia tudo. Mas se tratava de uma mudança de roupa, e não o desenvolvimento de uma arquitetura adequada e responsável

A medida que avançavam os anos 80, o pós-modernismo tornou-se um estilo para os grandes negócios



EMBANKMENT

Philip Johnson

Johnson foi o homem que levou Mies para EUA em 37 e que, apresentou N. York para o movimento modernista (estilo internacional). **Projetou o AT&T em N. York**, poderoso arranha céu revestido de pedra. Era, abstraídos os detalhes, o edifício Seagram feito com outros meios, apesar de bem menos refinado. Aparentemente num piscar de olhos o pioneiro modernista tornava-se um historicista. Outro piscar e era um pós-moderno, mergulhava no construtivismo e, nos anos 90, mudava outra vez.



AT&T, N YORK

3- EXTREMOS

Até onde chegaria a noção de pós-moderno na arquitetura? A arquitetura, como os maneiristas da Itália renascentista sabiam, podia ser espirituosa e divertida sem descer ao nível do pastiche e da piada grosseira. Não é de surpreender então, que tenham sido os italianos, no fim da década de 70, quem deram uma guinada no pós-moderno, e que surgiu em Milão. A abordagem foi muitas vezes expressa mais em exposições que em edifícios reais.

Um exemplo desta arquitetura é a Villa Zapu, na Califórnia (84-88). Toda construída em madeira, a casa foi projetada para o produtor de vinho sueco, Thomas Lundstrom. Há uma "torre de hóspedes" separada, depois da piscina da villa



VILLA ZAPU, CALIFÓRNIA

4- HIGH TECH

Arquitetura High – Tech - A Arquitetura Como Expressão Da Sociedade Da Era Das Comunicações

Nos anos **sessenta**, para **além da arquitetura orgânica, desenvolveu-se** também a idéia da casa como obra de arte tecnicamente organizada. A chamada “**arquitetura high-tech**” tem as suas **raízes** em **obras da arquitetura do ferro do século XIX**. As tendências high-tech ligaram-se, freqüentemente, no final dos anos sessenta ou principio dos setenta, com o “brutalismo” (do francês “brut” = bruto) nome já utilizado nos anos cinqüenta para designar o estilo de Le Corbusier. Há excesso de utilização do concreto, mas sobretudo o concreto à vista, no qual se deixavam as marcas dos tirantes das formas, o que se destinava a produzir um efeito “natural” desta pedra artificial. **Esta utilização do concreto aliada às formas maciças**, que também já tinham sido introduzidas por Le Corbusier e que desfrutavam de uma preferência alargada nos anos setenta, tal como as cores berrantes, **levou a excessos de fealdade e grosseirismo** que já praticamente nada tinham a ver com a elegância requintada do modernismo clássico.

Nos EUA, o high tech foi um estilo de interiores dominante na década de 80. Na Grã Bretanha, Europa e outros lugares, foi um movimento arquitetônico distinto. **O primeiro monumento high tech foi o Centro Pompidou, em Paris (71-77)**, uma máquina colorida e vibrante, para a exibição de arte, com suas entranhas expostas, fato que levou alguns a descrever como “intestínista”. A idéia era de liberar o interior, posicionando toda a circulação, elevadores, escadas, suportes estruturais, dutos, etc, fora do envoltório interno do edifício. Projetado por um grupo e jovens barbudos e de cabelos compridos, **o feito foi extraordinário. O Centro Pompidou movimenta-se também entre o desejo de grandes espaços multifuncionais e o realce dos elementos técnicos e construtivos**. O Centro Pompidou representa, de certo modo, tanto um auge como um ponto final da arquitetura moderna.



CENTRO POMPIDOU, PARIS

A **inspiração do Centro Pompidou foi o Palácio de Cristal, de Londres**. O curioso da arquitetura high tech, porém, era o fato de que ela celebrava tecnologias que estavam rapidamente entrando para os livros de história. Os edifícios high tech exigiram um grande impulso de perícia industrial. O projeto do Hong Kong Shanghai Bank fez, refinadamente, especialmente para o edifício, cada elemento construtivo. Foi conseguido um padrão impecável de encaixe e acabamento, comparável ao dos melhores carros e aviões. **Foster foi um dos autores do Pompidou e o autor do Hong Kong Shanghai Bank**



HONG KONG SHANGHAI BANK

Visões do Aeroespço

Foster, na virada do séc. XXI era, de comum acordo e pela maioria dos critérios, o arquiteto mais bem sucedido do mundo, projetando importantes galerias, museus, sedes de corporações, escolas, pontes, móveis, etc. Além do seu dinamismo e da sua equipe, havia o fato de que **sua arquitetura ajustava-se a sua geração de líderes de negócios**, da política e da cultura, da mesma forma que Mies, em 50, ajustava-se à geração dos fazedores de dinheiro Foster ofereceu uma visão de graça e eficiência aeroespaciais.



AEROPORTO CHEP LAP KOK, HONG KONG

Tecnologia Verde

O **Centro Cultural Jean Marie Tijibaou (91-98)**, situado na nova Caledônia, França, é uma estrutura em madeira e aço bastante expressiva, que parece, ao mesmo tempo, **uma construção futurista e uma extensão da natureza**. O projeto, **de Renzo Piano**, não tem ar condicionado, mas é habilmente disposto para que o ar fresco circule durante a maior parte do dia tropical. **É significativo que os arquitetos mais preocupados com a tecnologia sofisticada no fim do séc XX, sejam também os mais interessados na conservação da energia**. Talvez seu objetivo possa ser resumido como uma tentativa enérgica de alinhar a arquitetura com os mais recentes desenvolvimentos tecnológicos ao mesmo tempo em que busca minimizar o gasto de energia e presta homenagem ao fazedor humano de máquinas

5- A ENGENHARIA DOS ARQUITETOS

O **high tech** foi uma abordagem distinta da arquitetura, na qual **arquitetos** trabalhando bem próximos a engenheiros **produziram um estilo a partir de avanços e conquistas da engenharia**. Em mãos de menos talentosos que Renzo Piano, Richards Rogers ou Norman Foster, o high tech tornou-se uma estética rebuscada e exagerada, na qual a estrutura do edifício podia tornar-se excessivamente elaborada apenas para satisfazer algum capricho do projetista.

Surgiu então uma arquitetura que devia sua lógica e sua estética aos projetos de engenharia. Dois exemplos importantes estão no centro **de Chicago: John Hancock Center (65-70) e o Sears Tower (74)** dois arranha céus reivindicando, cada um, o record do edifício mais alto do mundo, ambos projetados pelo **SOM**. Ambos, como as pirâmides do Egito, fitam os arredores. Como que inteiramente indiferentes a eles.

Os Arquitetos do Aeroespço

Importante foi o projeto do aeroporto de Hajj, na Arábia Saudita, projetado após a crise de petróleo e modelo de como projetar um edifício com baixo consumo de energia que também era uma bela combinação para o propósito a que se erguia.

Igualmente impressionante foram os vastos tetos de aço dos edifícios esportivos **do Parque Olímpico, em Munique (67-74)**. A arena, estádio principal e a piscina foram todos ligados pelo **teto em forma de tenda projetado por Frei Otto**. Foi feito de tecido de poliéster coberto de PVC, mantido tenso por grandes cabos que partem dos mastros de sustentação



ESTÁDIO OLÍMPICO, MUNIQUE

Engenharia Pura

Um exemplo de um arquiteto movendo-se na engenharia pura é o do viaduto Millau, de múltiplos vãos, projetado por Norman Foster, no sul da França.



VIADUTO MILLAU, FRANÇA

Os Metabolistas Japoneses

A luta do Japão para encontrar uma nova identidade arquitetônica depois das explosões de Hiroshima e Nagasaki foi dolorosa até o início de 60. **A influência sobre a nova geração de arquitetos japoneses era Le Corbusier, através de Kenzo Tange e Tadao Ando.** Apesar da influência de Corbu em 50, em 60 um grupo de jovens arquitetos e críticos surgiu com uma espécie de filosofia que fundia idéias tiradas do design tradicional japonês, da arquitetura pop e de Corbu. **Deram-lhe o nome de Metabolismo.**

Um Ismo Próprio

O nome pretendia sugerir uma abordagem biológica do design, dos edifícios e cidades que cresciam para fazer frente às novas exigências de uma maneira paralela à natureza mas **fazendo uso pleno, até mesmo exagerado, das mais recentes tecnologias de construção** e formas de comunicação nascentes.

O **metabolismo** exibiu suas cores primeiramente em uma série de projetos coletivos e imaginários. O exemplo é a **Torre-cápsula, do arq. Kurokawa.** Ali, duas torres de concreto integrando elevadores, escadas e serviços, sustentam 140 casulos individuais, estúdios equipados com as mais recentes novidades tecnológicas e eletrônicas da época, tudo muito James Bond. Muitos edifícios foram feitos num espírito similar



TORRE-CÚPULA DE NAGAKIN, TOQUIO

Arquitetura Implacável

Talvez o **melhor edifício metabolista seja o Centro de Comunicações Yamanashi (64-67)**, de Kenzo Tange, com o monte Fuji ao fundo. É um edifício vigoroso e teatral, um castelo samurai do séc XX, os pavimentos de escritórios sustentados por 17 torres de serviço. **A natureza ampliável do edifício significa que, em certo sentido, ele continua inacabado.**



CENTRO DE COMUNICAÇÕES

A Revivescência Clássica

O classicismo havia **desaparecido na década de 50, quando até mesmo os arquitetos soviéticos abandonaram o estilo em favor do concreto pré-fabricado**. O jovem arquiteto **Quinlan Terry**, que acreditava que os **cânones e ordens do classicismo haviam sido ordenados por Deus** exerceu sua profissão na Inglaterra rural e construiu várias casas no estilo georgiano no campo e na cidade para os novos ricos da **Grã Bretanha de Thatcher, de 79 a 90**. Também reconstruiu o bairro Richmond Riverside a beira do Tamisa, onde casas com exteriores georgianos ocultam modernas lojas e escritórios refrigerados



RICHMOND RIVERSIDE

Novos condomínios

Taller di Arquitectura era um escritório dissidente baseado em Barcelona e Paris. A partir **de meados de 70 o escritório foi para a rota neoclássica**, com escandalosos projetos de conjuntos residenciais, construídos com concreto pré-colorido e pré-fabricado. À distancia, estes edifícios pareciam tão imponentes quanto Versalhes e, na realidade eram pombais com apartamentos pequenos e baixo pé direito. **Os primeiros condomínios Taller ficavam nos subúrbios de Paris e, em poucos anos, eram o lar para uma comunidade marginalizada de imigrantes.**

Talvez **o mais impressionante** de todos os exercícios de **revivescência clássica** seja **o Museu Nacional de Arte Romana, em Mérida (80-85)**, do arquiteto espanhol **Rafael Moneo**. Este museu organiza-se ao redor de um átrio central, numa interpretação das basílicas romanas. **O gênio de Moneo foi combinar esta evocação da Roma antiga com materiais modernos.**

Nas mãos de Moneo, o classicismo tinha um propósito real e até um futuro. Na Grã Bretanha, estava ligado à visão nostálgica do príncipe de Gales e, nos EUA e Las Vegas, ligado a estrelas de Hollywood e ricas instituições, não muito diferente de Roma antiga



MUSEU NACIONAL ARTE ROMANA
FUTUROS

No fim do séc XX, a arquitetura pode tomar qualquer um dos muitos caminhos. Novos materiais, computadores e um senso de liberdade perante filosofias abrangentes e movimentos dominantes dão aos arquitetos um **campo de ação maior do que nunca**. Há novas responsabilidades a assumir, preocupações com a ecologia, o uso e o abuso de combustíveis fósseis e o envolvimento dos moradores no projeto dos edifícios. Uma população urbana explosiva foi parcialmente acomodada com o acréscimo de novos edifícios ao tecido das velhas cidades. O computador mostrou ser um verdadeiro aliado, permitindo aos arquitetos dar saltos extraordinários de imaginação visual. A ironia é que, à medida que essas novas liberdades se abrem, o arquiteto é progressivamente marginalizado no processo de construção, que se torna cada vez mais industrializado. **Mais do que nunca, no início do séc XXI, os arquitetos precisam usar a imaginação e desejar as estrelas**

1- A ARQUITETURA ORGÂNICA

O espírito da arquitetura verde pode ser resumida na vida de **Imre Macovecz**. Nascido em **Budapeste**, filho de carpinteiro, ajudou a explodir tanques nazistas e, durante o levante húngaro de 56, foi preso e condenado à morte pela URSS. **Na escola de arquitetura foi política e academicamente rebelde**. Naturalmente religioso, propunha uma arquitetura que ligasse o céu à terra.

O Desenvolvimento De Um Estilo

Inicialmente, pelas suas atitudes, Macovecz foi banido do trabalho em estúdios estatais e de ensino. Conseguiu **um emprego trabalhando para a comissão florestal e construía**, em equipe de carpinteiros e jovens arquitetos, abrigos de madeira ao norte do Danúbio. Construía no **estilo orgânico de F. Wrhigt, Gaudí, e de motivos húngaros-celtas**.

Ao longo de 70-80 Macovecz construiu salões comunitários na forma de aves e outras criaturas, em construções baratas e de fácil manutenção. **Macovecz descreve seus projetos como seres construtores, nunca simétricos porque os humanos, a flora e a fauna não o são**. Entre 86 e 89 projetou e construiu a igreja católica de Paks. Toda em madeira, o espaço é iluminado de cima por um vitral na forma de antigo símbolo celta



IGREJA DO ESPÍRITO SANTO, HUNGRIA

Após a queda do comunismo na Hungria, Macovecz torna-se um herói nacional e escolhido para projetar o Pavilhão Húngaro no Expo Sevilha 92.

Visões Pessoais

Carlo Scarpa, veneziano destaca-se, pois elabora arquitetura próxima ao espírito de sua cidade natal, mas nunca servil aos edifícios mais antigos e paisagens.

Em **Viena**, **Hundertwasser** desenvolveu uma forma de **blocos de apartamentos coloridos**, de distribuição irregular, que parecem tirados de ilustrações de contos infantis, rompendo com as restrições convencionais.



CONDOMÍNIO LOWENGASSE E KEGELGASSE, VIENA

Professora arquiteta Solange Irene Smolarek Dias - doutoranda

2- REUTILIZAÇÃO DE EDIFÍCIOS

Na década **50-60**, ocorre a **onda de demolições de edifícios históricos**. Este início de século XXI, leva à consolidação de movimentos empenhados em salvar nossa herança arquitetônica. Começando na **década de 60, os arquitetos aprenderam a adaptar edifícios antigos e de dar à eles nova personalidade**. Um dos exemplos mais influentes foi a conversão **do Castelvecchio medieval, em Verona, em museu de arte (56-64), pelo veneziano Carlo Scarpa**. Para muitos arquitetos, em todo o mundo, a obra apontava o caminho a ser seguido em nome da conservação inteligente.

Museu D'Orsay

De modo similar, **o arq. milanês Gaia Aulenti faz a transformação da Gare D'Orsay, Paris, em museu (84-86)**. O arquiteto processa uma importantes estação ferroviária. O edifício original foi inaugurado na Exposição de Paris, em 1900, e foi ali que Braque e Picasso iniciaram os experimentos do cubismo



MUSEU D'ORSAY

O Reichstag

Foster produziu uma das últimas remodelações do séc XX. **Transformou o pesado edifício que abrigou o parlamento do Segundo Reich**. Incendiado em 33, destruído pela batalha de Berlim em 45, foi restaurado sem a cúpula para abrigar gabinetes do governo em 60. Foster modifica a versão original do edifício, que testemunhou a ascensão e a queda do Segundo e do Terceiro Reich, da república de Weimar e da República Democrática Alemã



REICHSTAG, BERLIM

3- O DESCONSTRUTIVISMO

Desconstrutivismo - Um novo Modernismo?

Desconstrutivismo, de acordo com o filósofo francês Derrida, **significa que os diferentes sentidos de um texto podem ser descobertos quando se desmonta a estrutura da linguagem em que está escrito.**

Por volta de 1990, a arquitetura pós-moderna foi substituída nos meios de comunicação pelo “desconstrutivismo” – designação proveniente da **exposição** organizada em **1988** por Philip **Johnson**, em **Nova Iorque**, com o nome de “Deconstructivist Architecture”. Mas, tal como os pós-modernistas, os **desconstrutivistas** também **procuram**, sem ter em conta a satisfação das exigências funcionais – dificultando-as mesmo – **uma forma extravagante e espetacular, exprimindo a sua oposição contra normas de construção e de ornamentação.** O lema inventado por Bernhard Tschumi para o desconstrutivismo “form follows fantasy” (**a forma segue a fantasia** – invertendo o famoso conceito de Sullivan “form follows function”) poderia também ter sido o mote dos pós-modernistas. Uma outra fonte de inspiração dos desconstrutivistas foram os artistas da vanguarda russa do início dos anos vinte. A **arquitetura desconstrutivista procura, derrubar a percepção quotidiana não questionada da arquitetura e, através dessa distanciação, tornar a vivência da arquitetura em arte.** Existe uma preferência acentuada por criar a impressão de uma construção provisória com os materiais correspondentes. Nada disto tem a ver com o rigor e a limpidez da arquitetura moderna clássica: as estruturas são disfarçadas, as funções comprimidas entre as formas de obras únicas e espetaculares.

Na década de **80**, nos **EUA**, muitos arquitetos começaram a **desmontar edifícios convencionais para imbuí-los de novo significado.** Na verdade, **não "desconstruíram" edifícios, mas projetaram-nos "desconstruídos"** parecendo, às vezes, incompletos, às vezes, distorcidos. Nas mãos e grandes arquitetos, tais edifícios tornaram-se jogos altamente refinados, experimentos corajosos. Nas piores mãos, foram vítimas da moda e maçantes.

Entre **87 e 89**, **Frank Gehry**, que tinha construído sua casa em Santa Mônica, Califórnia como uma remontagem e residência, **constrói o Vitra Museum, Alemanha.** A imagem do museu era extremamente forte e fez muito para colocar o Vitra no mapa do design e da manufatura moderna. Entre **93 e 97**, **Vitruvius projeta o museu Guggenheim, em Bilbao.** Trata-se de uma arquitetura

moderna no que ela tem de mais ousado e parte de sua popularidade deve-se ao fato de mexer com a sensibilidade dos que preferem uma arquitetura banal



MUSEU GUGGENHEIM, EM BILBAO

Notável é o projeto do músico polonês, que se torna arquiteto, para o **Museu Judaico, em Berlim**. O edifício, com pele em zinco, se caracteriza pelo vazio de concreto que percorre as galerias e lembra os visitantes do **vácuo cultural e humano deixado no coração de Berlim pela ausência de uma população judaica** que se considerava patrioticamente alemã. O museu não possui entrada evidente, chega-se a ele através de um edifício antigo. No subterrâneo, tem-se três opções de caminhos. Um deles leva ao **vazio do Holocausto**, uma torre de concreto bruto, aterradoramente, sem aquecimento, cheia de uma ausência dolorosa e iluminada apenas por uma faixa de luz solar, inspirada pelos **relatos daqueles que se lembram de tais faixas de luz como única visão do mundo exterior e seu único símbolo de esperança** nas desumanas viagens em vagões de gados, onde 250.000 judeus de Berlim foram aos campos de concentração

Espaços dinâmicos

Zaha Hadid, nascida no Iraque, que estudou e ensinou na London's Architectural Association, **funde a geometria dinâmica dos construtivistas russos com as sensibilidades intelectuais dos desconstrutivistas**. Em 99 ela conclui um edifício para a exposição de paisagismo e jardinagem de Weil am Rhein, Alemanha



ESPAÇO PARA EXPOSIÇÃO DE JARDINAGEM, ALEMANHA

O primeiro edifício importante de **Hadid foi o Centro de Artes Contemporâneas, Roma**, resultado de concurso internacional. Com **previsão de conclusão em 2005**, a visão do edifício promete ser tão ambiciosa quanto instigante. As **galerias sinuosas, iluminadas pela luz do dia pretendem ser um delicado desafio aos curadores, chamando-os a interagir com a arquitetura. Isto faz parte do desconstrutivismo**, porque rompe certezas formais e espaciais e encoraja os administradores do museu a repensar, neste caso, a relação entre arte e arquitetura.

4- O COMPUTADOR

Os cineastas do início da década de 60, os adoravam. Eles, curiosamente, pareciam não ter nenhum efeito sobre os edifícios em si. As primeiras aplicações do **CAD** (computer-aided design) pareceram ter pouco ou nenhum efeito sobre a estética ou natureza dos edifícios. Na **década de 80, foi uma ferramenta bruta, uma pá ou picareta, nas mãos da maioria dos arquitetos.**

Esta **situação muda** com os projetos do **aeroporto de Kansai, baía de Osaka (88-94)**, e do **Guggenheim de Bilbao (93-97)**. O aeroporto repousa, como uma cegonha, na baía artificial de Osaka. O perfil e a engenharia complexos do terminal semelhante a uma asa, projetado para suportar tufões, foi gerado pela função estética e por programas de computadores

O Guggenheim

O elogiadíssimo museu redesenhou quase que completamente a imagem que o mundo tinha da **capital basca** que, antes do museu, era conhecida como palco das **ações dos terroristas da ETA**. As curvas complexas e o corte de muitos ladrilhos de titânio de formas diferentes que revestem o museu foram elaboradas com **grande ajuda do CAD**. No entanto, o que vemos ali é a mão e o olho de um grande arquiteto barroco moderno, trabalhando inteligentemente em parceria com as quase infinitas possibilidades sugeridas pelo processo de modelagem do computador

Sonhos Cibernéticos

Neste **início do séc XXI, o uso de computadores na arquitetura tonou-se lugar-comum. Jovens arquitetos chineses** podem ser encontrados em cozinhas minúsculas, projetando no laptop as fachadas de torres de escritórios instantâneas, de todo mundo. **Escaneiam de revistas famosas e ajustam a imagem à estrutura de concreto do mais recente bloco de escritórios chinês**. Os resultados são construídos logo depois. A tecnologia de novos materiais, metais leves e policarbonatos, permite que os arquitetos se aproximem do sonho da estrutura e do espaço infinitamente maleáveis. Embora a realização de tais sonhos ainda esteja distante, é empolgante ver arquitetos tentando livrar-se das formas e estrutura de espaço que pouco mudaram nos últimos 2500 anos.

5- CIDADES HABITÁVEIS

A **arquitetura** surgiu com o nascimento das primeiras **idades**. As duas são quase sinônimas. A arquitetura adornou as ruas e as praças das cidades desde tempos antigos e as duas surgiram como um todo orgânico. **Ao longo da história, porém, os arquitetos construíram sua própria glória**. A medida que o faziam, as cidades começaram a se fragmentar. Ela não mais podia ser um todo orgânico quando os edifícios individuais começaram a expressar a ambição de clientes (e arquitetos) poderosos. Mesmo assim, até a Revolução Industrial, as cidades de todo mundo não se tornaram mais vistosas do que haviam sido há centenas ou milhares de anos atrás, com exceção de Roma e Istambul.

Com a **Revolução Industrial** as **cidades foram decompostas**, retalhadas e muitas vezes maltratadas. As cidades não teriam mais a aparência homogênea em função das pedras com que

eram construídas, ou dos tipos de construção. **Edifícios globalizados desenvolvem-se com o industrialismo.**

Declínio e Renascimento da Cidade

Na corrida para construir este admirável mundo novo, **os costumes e regras que se haviam acumulado desde Jericó (7.000 A C) foram abandonados.** Na segunda metade do séc XX a aliança profana da arquitetura moderna insensível, vias expressas e a deterioração da vida cotidiana dos centros urbanos, viu cidades do mundo inteiro deixarem de ser locais de bem viver e desfrutar. **A cidade estava sendo dilacerada.**

Nas últimas décadas do séc XX arquitetos, planejadores e políticos tentam resgatar a degeneração urbana. Multiplicam-se conferências com o objetivo de criar cidades "verdes", nas quais fosse um prazer viver e trabalhar. As favelas cresceram virulentamente ao redor dos centros urbanos do mundo em desenvolvimento, com pessoas provenientes de cidades rurais que invadiram as cidades, não porque quisessem morar nelas, mas para ganhar um pedaço de pão ou uma tigela de arroz.

A cidade Habitável

Melhorias, impulsionadas pela **vontade política, transformaram cidades como Barcelona, Antuérpia, Lyon, Berlim e parte de Nova York e Londres, ao longo dos últimos 20 anos.** Há um longo caminho a percorrer, embora seja verdade que, ao longo da história, não importa quão gloriosa seja sua aparência, as maiores cidades também foram as mais vibrantes. É o equilíbrio entre a ordem e o caos, o sensual e o racional, o drama da vida humana e a ordem implícita de um mapa urbano dignificado que fazem de uma grande cidade o que ela é. **Na virada do século há, sem dúvida, muito trabalho urgente a ser feito para tornar as cidades lugares melhores e mais saudáveis ambientalmente** mas, como diz o ditado, **Roma não foi construída em um dia.** E, em seu auge, por volta de **200 d C, ela talvez tenha sido a capital mais ordenada e desordenada de todos os tempos.**



BARCELONA

6- TENDÊNCIAS - TERÃO OS ERROS ENSINADO ALGUMA COISA?

Enquanto o **pós-modernismo e o desconstrutivismo** enchem os **cabeçalhos dos meios de comunicação**, as **tendências racionalistas** no sentido do modernismo **clássico continuaram a existir até os dias de hoje**. Elementos estéticos da arquitetura moderna sobrepõem-se a uma fuga antimoderna da realidade. Esta situação é típica do desacordo e da disposição pouco clara que cunham o desenvolvimento da arquitetura internacional desde o final dos anos oitenta. **Alguns críticos pretendem resumir a tendência atual com o conceito de “pluralismo moderno”**. Todavia, este acaba por significar apenas que o que se passa com a arquitetura passa-se também com a música popular ou com a moda: existem algumas tendências bastante extravagantes, mas cada um faz, simplesmente, o que mais lhe agrada.

Do pós-modernismo restou, pelo menos, a sensibilidade relativa à envolvente e a valorização da forma da cidade tradicional. **Na generalidade, a arquitetura tende, de momento, de novo para um racionalismo bastante austero, assimilando, evidentemente todos os elementos mencionados de uma ou outra forma – um “modernismo revisto”**. A multiplicidade das encomendas arquitetônicas dos últimos anos não só permite este pluralismo de estilos como o exige. O volume de edifícios a serem erigidos aumenta cada vez mais face ao aumento da população. Deste modo, é necessário construir cada vez mais depressa e com uma racionalização cada vez maior, e é impossível inventar um estilo novo todas as semanas.

A esta situação vêm juntar-se os requisitos de exclusividade de donos de obra individuais. A separação das funções nas cidades, ainda exigida na Carta de Atenas e levada a cabo com grandes dificuldades em várias cidades depois da guerra, já não necessita da intervenção do estado. É realizada por mecanismos de mercado e depende dos investidores e dos lobbies de interesses. **A arquitetura moderna, assim como a cidade, que é hoje muito mais um espaço urbano desmembrado do que uma cidade no sentido antigo, correspondem ao nosso tempo atual.**

PLANO DE ENSINO	2009/1
------------------------	---------------

CÓDIGO	DISCIPLINA	PERÍODO	CARGA HORÁRIA		
			TEÓRICA	PRÁTICA	TOTAL
ARQ301	História da Arquitetura e do Urbanismo III	3º	72	0	72

DOCENTE	Solange Irene Smolarek Dias
----------------	-----------------------------

EMENTA:

Estudo da cidade e da arquitetura no período compreendido entre a 2ª metade do século XX e o início do século XXI.

OBJETIVOS

1. Compreender a História da arquitetura e do urbanismo, no período entre a 2ª metade do século XX e o início do século XXI.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (Enumerar títulos e subtítulos)

1º BIMESTRE

- Revisão de História I
- Revisão de História II
- Admirável mundo novo
- Rússia revolucionária
- Bauhaus
- Habitação em massa na Europa
- Arquitetura fascista
- Modernismo

2º BIMESTRE

- Novas cidades
- Brutalismo
- Cooperativismo
- Pós-modernismo
- High tech
- Metabolismo japonês
- Arquitetura orgânica
- Revitalização de edifícios
- Desconstrutivismo
- Cidades habitáveis

METODOLOGIA DE ENSINO / RECURSOS

Serão utilizados os seguintes recursos metodológicos: aula expositiva, seminários, trabalhos em equipe, estudos de casos, produção bibliográfica, debates e bancas.

RECURSOS HUMANOS / MATERIAIS OU FÍSICOS

HUMANOS: <input type="checkbox"/> Autoridades <input type="checkbox"/> Profissionais da área <input type="checkbox"/> Profissionais de outras áreas <input type="checkbox"/> Pessoas da comunidade <input type="checkbox"/> Alunos de outras turmas <input type="checkbox"/> Alunos monitores <input checked="" type="checkbox"/> Professores auxiliares: <ul style="list-style-type: none"> • Aline Figueiredo de Albuquerque. • José Aloísio Meulam Filho 	MATERIAIS OU FÍSICOS: <input type="checkbox"/> Visitas técnicas e/ou viagens de estudo à centros de pesquisa, entidades, ambientes naturais ou construídos, e outros <input type="checkbox"/> Levantamento de campo <input checked="" type="checkbox"/> Fitas em vídeo <input checked="" type="checkbox"/> Televisão e vídeo <input checked="" type="checkbox"/> Datashow <input checked="" type="checkbox"/> Retroprojektor <input checked="" type="checkbox"/> DVD	<input type="checkbox"/> Atelier <input type="checkbox"/> Laboratórios: <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Conforto Ambiental <input type="checkbox"/> Modelos Reduzidos <input type="checkbox"/> Projetos <input type="checkbox"/> Técnicas Retrospectivas <input type="checkbox"/> Tecnologia e Materiais de Construção <input type="checkbox"/> Informática <input type="checkbox"/> Geoprocessamento <input type="checkbox"/> Outros:
---	--	--

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

1) Avaliação Geral da Instituição:

- Serão aprovados os(as) alunos(as) que obtiverem: média $A \geq 7,00$
- Exame: $3,00 \leq \text{Média } A < 7,00$ obtido através da fórmula: $A = (N_{B1} + N_{B2}) / 2,00$
- Nota do Bimestre = $(\sum \text{Nota Trabalho} \times \text{Peso Trabalho}) + (\sum \text{Nota Prova} \times \text{Peso Prova})$
- $N_B = (N_{T1} + N_{T2} + \dots + N_{Tn} \times P_T) + (N_P \times P_P)$

2) Específico da Disciplina (provas e trabalhos, juntamente com seus respectivos pesos):

2.1. 1º bimestre

Avaliação escrita individual, objetiva e/ou subjetiva, com permissão de consulta à material bibliográfico e apontamentos originais e individuais. Dia 14/04/09, das 20:50 hs às 22:30 hs. A nota será de 0 a 10, com peso de 100% na nota bimestral.

2.2. 2º bimestre

Avaliação escrita individual, objetiva e/ou subjetiva, com permissão de consulta à material bibliográfico e apontamentos originais e individuais. Dia 16/06/09, das 20:50 hs às 22:30 hs. A nota será de 0 a 10, com peso de 100% na nota bimestral.

2.3. Exame final

Avaliação individual, escrita, subjetiva, sobre assuntos estudados na disciplina. Dia 30/06/09, das 20:50 às 22:30. Sem consulta a material bibliográfico e anotações pessoais. Avaliação contendo assuntos estudados na disciplina (em classe, pertencentes a bibliografia básica e aos trabalhos apresentados em classe pelos alunos), e que sirvam para verificar o grau de compreensão e atingimento dos objetivos da disciplina pelo aluno em exame final.

2.4. Divulgação das avaliações

As notas das avaliações bimestrais e exame final serão divulgados através do Sistema SAGRES, até o prazo limite determinado pelo calendário acadêmico da FAG. As avaliações bimestrais serão devolvidas aos alunos, com as respectivas correções dos professores. Os exames finais serão entregues na Secretaria Acadêmica, juntamente com o Diário de Classe.

2.5. Incongruência de avaliações

Conforme decisão de colegiado definida em reunião de 28/05/2008, havendo a percepção pelo professor, de que trabalhos de avaliações de aprendizagens entregues por alunos, possuem incongruência de linguagem (escrita e/ou gráfica) com o desempenho do aluno em sala de aula, será possível a arguição oral, gráfica e/ou textual do aluno/autor; o objetivo será a comprovação de autenticidade, autoria e correta avaliação do aluno. Caberá ao professor da disciplina a definição de hora, local, instrumento avaliatório, bem como se a arguição oral, gráfica e/ou textual do aluno/autor ocorrerá com o auxílio de outro professor, ou não. Se ficar claro o vício do instrumento avaliatório entregue pelo aluno, opta-se pela nota obtida na arguição oral, gráfica e/ou textual, cabendo ao professor da disciplina o relato do fato no Diário de Classe - prontuário do aluno; e à coordenação, para os trâmites legais pertinentes.

BIBLIOGRAFIA

BÁSICA

- BENEVOLO, Leonardo. História da Arquitetura Moderna. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.
 BENEVOLO, Leonardo. História da Cidade. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2003.

COMPLEMENTAR

DIAS, Solange Irene Smolarek. Apostila de Estudos: História da Arquitetura e do Urbanismo III. Cascavel: CAUFAG, 2009.

DIAS, Solange Irene Smolarek; MUKAI, Hitomi; SCHULER, Denise. Anais HAU III 2003 a 2006. Cascavel: CAUFAG, 2006.

HAROUEL, Jean-Louis. História do Urbanismo. Campinas: Papirus, 1990.

MARIANI, Riccardo. A Cidade Moderna entre a História e a Cultura. São Paulo: Studio Nobel: Instituto Italiano di Cultura di São Paulo, 1986.

PANOFSK, Erwin. Arquitetura Gótica e Escolástica, sobre a analogia entre arte, filosofia e teologia na idade média. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

DATA: 30/01/2009	Aprovado pelo colegiado conforme ata n.º 02/2009
Profº Solange Irene Smolarek Dias Docente titular da Disciplina	Profª Arq. Solange Irene Smolarek Dias, doutoranda. Coordenador do Curso Arquitetura e Urbanismo

CALENDÁRIO ACADÊMICO - CAUFAG 2009.1

(aprovado em Reunião de Colegiado 01/2009, de 26/01/2009)

Disciplina: História da Arquitetura e do Urbanismo III 3º P

Dias da semana e horários das aulas: terças das 20:50 às 22:30 e sextas das 19:00 às 20:40

FEVEREIRO					
seg	ter	qua	qui	sex	sab
02	03	04	05	06	07
09	19	11	12	13	14
16	17	18	19	20	21
23	24	25	26	27	28
MARÇO					
seg	ter	qua	qui	sex	sab
02	03	04	05	06	07
09	10	11	12	13	14
16	17	18	19	20	21
23	24	25	26	27	28
30	31				
ABRIL					
seg	ter	qua	qui	sex	sab
		01	02	03	04
06	07	08	09	10	11
13	14 aval 1º b	15	16	17	18
20	21	22	23	24	25
27	28	29	30		
MAIO					
seg	ter	qua	qui	sex	sab
				01	02
04	05	06	07	08	09
11	12	13	14	15	16
18	19	20	21	22	23
25	26	27	28	29	30
JUNHO					
seg	ter	qua	qui	sex	sab
01	02	03	04	05	06
08	09	10	11	12	13
15	16 aval 2º b	17	18	19	20
22	23	24	25	26	27
29	30 exame				
JULHO					
seg	ter	qua	qui	sex	sab
		01	02	03	04
06	07	08	09	10	11
13	14	15	16	17	18

CONVENÇÕES

	Feriados
	Recesso discente
	Início e término do semestre letivo
	Dias letivos
	Semana Acadêmica CAUFAG 2009
	Último prazo para lançamento das notas bimestrais e dos exames finais
	Realização de exames finais
	Entrega Diários de Classe, bancas de revisão exames e planejamento 2009.2.
	Trabalhos internos (planejamento 2009.2)
	Aulas teóricas da disciplina

CÓDIGO	DISCIPLINA	PERÍODO	CARGA HORÁRIA
ARQ301	História da Arquitetura e Urbanismo III	3º	72 horas = 87
DOCENTE	Solange Irene Smolarek Dias		

Encontro nº	Data	Conteúdo Planejado
01/02	03/02	Apresentação do Plano de Ensino, bibliografia e sistema de avaliação da disciplina.
03/04	06/02	Revisão de História I - arquitetura
05/06	10/02	Revisão de História I - urbanismo
07/08	13/02	Revisão de História II - arquitetura
08/10	17/02	Revisão de História II - urbanismo
11/12	20/02	Admirável mundo novo - arquitetura
13/14	27/02	Admirável mundo novo - urbanismo
15/16	03/03	Rússia revolucionária - arquitetura
17/18	06/03	Rússia revolucionária - urbanismo
19/20	10/03	Bauhaus como concepção
21/22	13/03	Bauhaus na arquitetura
23/24	17/03	Bauhaus no urbanismo
25/26	20/03	Habitação em massa na Europa – repercussões na arquitetura
27/28	24/03	Habitação em massa na Europa – repercussões no urbanismo
29/30	27/03	Arquitetura fascista na arquitetura
31/32	31/03	Arquitetura fascista no urbanismo
33/34	03/04	Modernismo enquanto movimento histórico
35/36	07/04	Revisão do conteúdo do 1º bimestre
37/38	14/04	Avaliação 1º bimestre
39/40	17/04	Feedback da aprendizagem, com correção e seminário da avaliação do 1º bimestre
41/42	24/04	Novas cidades
43/44	28/04	Brutalismo
45/46	05/05	Cooperativismo
47/48	08/05	Pós-modernismo
49/50	12/05	Pós-modernismo
51/52	15/05	High tech
53/54	19/05	Metabolismo japonês
55/56	22/05	Projeto integrador na Semana Acadêmica da Arquitetura e urbanismo
57/58	22/05	Projeto integrador na Semana Acadêmica da Arquitetura e urbanismo
59/60	22/05	Projeto integrador na Semana Acadêmica da Arquitetura e urbanismo
61/62	22/05	Projeto integrador na Semana Acadêmica da Arquitetura e urbanismo
63/64	22/05	Projeto integrador na Semana Acadêmica da Arquitetura e urbanismo
65/66	22/05	Projeto integrador na Semana Acadêmica da Arquitetura e urbanismo
67/68	22/05	Projeto integrador na Semana Acadêmica da Arquitetura e urbanismo
69/70	26/05	Arquitetura orgânica
71/72	29/05	Revitalização de edifícios
73/74	02/06	Desconstrutivismo
75/76	05/06	Desconstrutivismo
77/78	09/06	Cidades habitáveis
79/80	12/06	Revisão do conteúdo do 2º bimestre
81/82	16/06	Avaliação 2º bimestre
83/84	19/06	Feedback aprendizagem, com correção e seminário da avaliação do 2º bimestre
85/86	23/06	Seminário de integração de conteúdos da disciplina

87/88	26/06	Seminário de avaliação da metodologia de ensino da disciplina no semestre
-------	-------	---

Exame Final: 30/06/09 das 20:50 às 22:30 na sala de aula da disciplina

DATA: 30/01/2009	Aprovado pelo colegiado conforme ata n.º 02/2009
_____ Profº: Arq. Solange Irene Smolarek Dias Docente titular da Disciplina	_____ Profª Arq. Solange Irene Smolarek Dias Coordenadora do Curso Arquitetura e Urbanismo